

A BELLE ÉPOQUE AMAZÔNICA

Selma Suely Lopes Machado¹



O livro de Ana Maria Daou nos remete ao contexto do Brasil colônia no período de transição entre as décadas finais do século XIX e início do século XX, mas especificamente, como anuncia seu título, enfoca o cenário amazônico no período designado de “belle époque”. Esta publicação é parte da Coleção DESCOBRINDO O BRASIL (Jorge Zahar Editor), a qual aborda temas da história e da cultura brasileiras e, sem dúvida, contribui para desvelar singularidades da realidade nacional, enriquecendo o acervo bibliográfico e a memória nacional.

Nesse âmbito, vale ressaltar ainda que o ritmo agradável e a linguagem acessível da narrativa de Daou, cuja formação acadêmica em Geografia e Antropologia aliada à naturalidade amazonense lhe conferem legitimidade na abordagem do tema, e suponho um carinho especial pelo estudo, pois se trata afinal, de conhecer um pouco de sua própria identidade manauara. Para isso, ela recorre a pesquisas bibliográfica, documental e iconográfica para instituir densidade e precisão de fatos, datas, análises e outros conteúdos presentes em seu livro.

Neste particular, me identifico com o texto por condição semelhante, uma vez que, nascida em Belém do Pará, reportar-me a ao ciclo da belle époque, cujo legado arquitetônico e urbanístico ainda pode ser contemplado em logradouros e parques locais, é revisitar a história

¹ Assistente social, Dr^a em Serviço Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e professora adjunta da Universidade Federal do Pará/Faculdade de Serviço Social.

dessa capital, reconstruindo a memória de um tempo em que nossas respectivas cidades foram referências de urbanização e sociabilidades equiparadas às “cidades luzes dos trópicos”.

O teatro Amazonas em Manaus e o Teatro da Paz em Belém são legados deste ciclo, como patrimônios emblemáticos que marcaram o período e que sobrevivem a dois séculos, encantando novos e velhos expectadores com sua imponência e beleza singulares, e cujo registro fotográfico ilustra a presente obra. Além destes, outras belas imagens nos reportam à cena urbana dessas capitais, caracterizando as transformações socioeconômicas e espaciais naqueles tempos.

Inicialmente, a autora situa o contexto global de grande prosperidade pautada no ideário liberal do progresso disseminado ao longo do século XIX, com expansão das relações econômicas e sociais entre os continentes e diferentes países. Assim, a emergência da navegação a vapor permitiu absorver os progressos técnicos da industrialização mundial, como o Porto Flutuante de Manaus, inaugurado em 1903. Aliado a essa tecnologia naval, a comercialização da borracha produzida na região norte se constituiu em marcos político, econômico e sociocultural relevantes para essa região do Brasil, especialmente, nos estados do Pará e Amazonas e suas respectivas capitais. Portanto, as cidades de Belém e Manaus conformam espaços onde tais mudanças se instalaram de modo irrefutável.

Assim sendo, a partir dos anos 80 do século XIX essas capitais experimentaram um fluente processo de urbanização, com profundas modificações em seus traços arquitetônicos, paisagísticos, comportamentais e artísticos pautados nos moldes europeus, em especial, no *ethos* parisiense, dado o grande intercâmbio proporcionado pela navegação a vapor e a comercialização da borracha. Posteriormente, também com os Estados Unidos na América do Norte, ampliaram-se os raios de influência cultural e comercial entre o Brasil, a região norte e, principalmente Belém e Manaus.

Novos hábitos de consumo, valores e sociabilidades foram se desenhando na sociedade local, nos saraus familiares, na administração pública, enfim, nas relações sociais de forma mais ampla. A narrativa de Daou (2000) refere que essa “europeização” chamou a atenção de estudiosos estrangeiros, como o francês Ave-Lallement e um militar americano chamado Hasting, pois destacavam a semelhanças com a moda, os costumes, as expressões musicais e paisagísticas de Paris. Igualmente comparavam, com admiração, as longas e arborizadas avenidas, as praças, os bondes e a iluminação a gás dessas cidades.

Em sua análise, a autora dá realce ao protagonismo das elites locais, quando o Brasil colonial vivia sua transição para a República no final do século XIX, cujo ideário liberal positivista importado pela juventude recém graduada na Europa e filiada a essas elites, coadunava-se à expansão dos domínios republicanos por todo o país, como “cenários favoráveis à invenção de tradições e mitos sobre um período de excessos, embalado pela lírica, regrado pela ordem republicana, estimulado pelo cosmopolitismo e confiante no progresso” (DAOU, 2000, p. 11).

Ainda segundo a autora, as transformações decorrentes desse ideário de ordem e progresso antecipariam expressivas mudanças no traçado da urbanização local, bem como nas formas de sociabilidade das elites e nos efeitos sobre as classes trabalhadoras em Belém, Manaus e igualmente, na cidade do Rio de Janeiro - então capital do império - marcando-a também com a expansão urbanística nos moldes da *belle époque*, no início do século XX.

Entretanto, essa face de prosperidade econômica, espacial e cultural ganhou contornos bem peculiares na Amazônia. A imponência urbanística em meio ao padrão colonial português, característico da Belém o final do século XIX, foi assim descrita pelo Barão de Marajó, na condição de intendente Municipal e representante da recém instaurada República do Brasil: “uma alteração positiva da prosperidade pública, a purificação de nossos costumes e o aperfeiçoamento dos espíritos” (DAOU, 2000, p.28).

O cenário amazônico se modificara continua e rapidamente nos primórdios de 1900, movido pelas relações econômicas, em face da crescente incorporação da borracha² como matéria-prima na indústria internacional, a qual se expandia com o implemento de novas tecnologias e fontes energéticas, pois, “nas últimas décadas do século XIX, essas conexões intensificaram-se, possibilitando a incorporação da Amazônia como parte do crescente mercado internacional” (DAOU, 2000, p.15).

Portanto, cunhada como “produto do progresso” na região amazônica, esta fase marcou de modo muito particular o processo urbanístico e sociodemográfico, além de novas sociabilidades notadamente nas capitais já referidas. A gestão de Marques de Pombal e do intendente Antonio Lemos incentivara a criação de obras e espaços públicos em Belém, como o Palácio do Governo, o Bosque Rodrigues Alves, hoje transformado em Jardim Botânico, a

² A borracha, catalogada como *hervea brasiliensis*, era extraída dos seringais amazônicos foi primeiramente utilizada pela população nativa na produção de utensílios domésticos, de uso pessoal e no revestimento de tecidos. Graças a sua impermeabilidade e elasticidade após submeter-se a processos químicos foi incorporada à indústria com diversidade de aplicabilidade.

Praça Batista Campos e o Largo da Pólvora, atual Praça da República, com seus coretos, quiosques e o imponente Teatro da Paz, como réplicas parisienses.

A modernização de Manaus também ganha destaque com a administração do engenheiro militar Eduardo Ribeiro, introduzindo novos vetores de urbanização distanciando-se da orla ribeirinha presente no seu traçado original, para atender aos interesses da burguesia local, com a implantação de vários serviços como rede de esgotos, iluminação elétrica, bondes e telégrafo. Vale ressaltar, segundo a análise da autora, que essa intervenção urbanística já sinaliza a segregação socio-espacial entre as classes sociais, com a distinção entre as áreas centrais habitadas pelas elites e as periferias ocupadas pelas classes pobres dessas capitais.

Assim, ao final da década de 1900 registra-se o crescimento populacional de Belém e Manaus, em vista de seu desenvolvimento econômico, cultural, educacional e até de posturas (moral, higienista) que atraíam imigrantes estrangeiros e de outras regiões do país, segmentos da elite local como fazendeiros, comerciantes, seringalistas para residirem com seus familiares na capital, instalando negócios promissores. Desse modo, importavam os hábitos de consumo ao gosto típico das capitais européias, por considerá-las referências paradigmáticas do “padrão civilizatório do progresso”. Daou (2000) assinala que nesse contexto “A vida era social” para enfatizar as novas formas de sociabilidade, interação e ampliação da vida pública que forjavam a identidade social contemporânea à belle époque.

Porém, o cultivo da borracha na Malásia, em condições físicas, climáticas e econômicas mais adequadas aos interesses econômicos dos mercados europeus e norte-americanos, contribuiu para o declínio comercial desse produto na região amazônica, marcando uma fase de crise, estagnação e refluxo no “progresso” local. Em 1916, por fim o governo brasileiro liquida os empreendimentos no setor, encerrando um capítulo na história de Belém e Manaus. Assim, a “crise da borracha” será vivida de forma peculiar por cada família ou indivíduo segundo sua capacidade de mudança e adaptação às novas circunstâncias, finaliza a autora.

REFERÊNCIA:

DAOU, Ana M^a. **A Belle Époque Amazônica**. (Descobrimos o Brasil). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.